

A RECEPÇÃO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO PELA CRÍTICA PORTUGUESA: DE VITORINO NEMÉSIO AOS ANOS 60

SOLANGE FIUZA CARDOSO YOKOZAWA

U. Federal de Goiás/CNPq, solfiuza@gmail.com.

A história da recepção de João Cabral de Melo Neto pela crítica portuguesa constitui uma longa narrativa, que começa com um artigo de Vitorino Nemésio sobre *O engenheiro* (1945) publicado no *Diário popular*¹ de Lisboa em 15 de junho de 1949. No artigo, Nemésio diz que o sistema poético «engenhoso» de Cabral é fruto da engenharia triunfante dos tempos modernos, personificada no heterônimo engenheiro de Fernando Pessoa. Mas, segundo o crítico, o «engenhismo» de Álvaro de Campos dista do de Cabral por aquele descender dos elementos concretistas de Cesário Verde. Ainda que hoje seja evidente a filiação de Cabral ao autor de «O sentimento dum ocidental» justamente pela apologia que Cesário «faz do mundo exacto e realista do objecto» (NEMÉSIO, 1949: 5), em *O engenheiro*, em função da persistência, em muitos poemas, do onírico oriundo de *Pedra do sono* (1942), essa filiação talvez não fosse clara naquela altura. Situando Cabral em um momento de acalmia no contexto de «desculturalização» e «desumanização» das vanguardas, diz Nemésio que quanto mais o universo que cerca o poeta «é mecanizado e utilitário, mais ele o tenta transfigurar pelo sonho, criando uma expressão que desafia a subtileza dos hermeneutas de tipo lógico» (NEMÉSIO, 1949: 5). A ênfase do crítico na dimensão onírica do livro talvez soe estranha a leitores de hoje, acostumados a ler em *O engenheiro* um momento decisivo de afirmação da lucidez. Mas, como já notou, na década de 60, José Guilherme Merquior (1972), a consolidação do apego pela criação lúcida não

¹ Posteriormente, o trabalho, sob o título «Engenheiro de poemas», foi publicado no livro *Conhecimento de poesia*, cuja primeira edição (1958) saiu pela Editora da Universidade da Bahia.

implica, nesse livro, uma desvalorização automática do sonho, matriz de muitos poemas. Nemésio fecha o artigo situando o lirismo «intemporal e incondicionado por região ou lugar» de Cabral – e assim o é, efetivamente, até a publicação de *O cão sem plumas* (1950) – entre poetas autenticamente líricos como Cecília Meireles, Murilo Mendes, Ribeiro Couto e Jorge de Lima.

Quando saiu a crítica de Nemésio, Cabral já havia publicado *Psicologia da composição* (1947), livro em que se define plenamente seu *modus operandi*, mas o crítico não demonstra ter conhecimento dessa obra², talvez até em função de seus exemplares limitados, feitos pelo próprio poeta em sua prensa manual, com o selo editorial O Livro Inconsútil.

Depois desse artigo de Nemésio, ao longo dos anos 50, tem-se notícia de apenas uma publicação exclusiva sobre o poeta. Trata-se do artigo «A poesia, essa estranha invenção», de João Gaspar Simões, publicado na revista *A manhã*, do Rio de Janeiro, em novembro de 1950. Nesse artigo, o crítico nota que Cabral transformou em lei o mandamento da modernidade de que o poeta deve fazer dos seus versos uma estranha invenção da própria poesia. Segundo o crítico, o título das obras de Cabral, de «Considerações sobre o poeta dormindo» a *O cão sem plumas*, «é um gráfico da própria marcha cem por cento autoconsciente da sua poesia no sentido de uma fabricação integral de ‘vazio’» (SIMÕES, 1950: 1). Nessa perspectiva, *O engenheiro* ainda apresentaria o poeta como fazedor, criador dos seus versos. Já *Psicologia da composição* representaria o ponto culminante da poesia de Cabral rumo ao vazio, ao não fazer, enfim, à invenção da própria poesia. Se o crítico nota bem o momento de impasse representado por *Psicologia da composição*, não percebe, entretanto, a reconfiguração processada na poesia de Cabral com *O cão sem plumas* rumo a uma abertura para a impura e prosaica realidade exterior, pois, segundo ele, nesse livro, Cabral atinge a ambição da poesia pura.

A década em que Gaspar Simões publicou o seu artigo representa um momento importante na narrativa sobre a recepção de Cabral em Portugal porque nela se estreitaram as relações do poeta com intelectuais desse país. Cabral conta que, entre 1950 e 1952, quando servia ao Consulado Geral em Londres, conheceu João Gaspar Simões e ficaram «bons camaradas». Esse conhecimento pode ter sido o ponto de partida para o artigo atrás mencionado e para outros três que apareceram na década seguinte. Ainda na Inglaterra, conheceu também Rubem Leitão, de quem ficou muito amigo e que lhe deu a ler «uma porção de poetas portugueses interessantes», entre os quais Sophia de Mello Breyner Andresen, prima de Leitão que se tornaria amiga do poeta e, para ele, «o grande poeta» da sua geração em Portugal. Na casa de Sophia, Cabral conheceu muita «gente de primeira qualidade, como Alexandre O’Neill, Alexandre Pinheiro Torres» (*apud* ATHAYDE, 1998: 140), os responsáveis pela publicação de seus *Poemas escolhidos* pela Portugália. Antes

² No artigo, Nemésio diz tratar «de um poeta estreado em 1941 e que conta, até a presente recolha de poemas, três livros» (NEMÉSIO, 1949: 5). Mas ele se refere, ao que tudo indica, às *Considerações sobre o poeta dormindo*, saídas no Recife, em 1951, e a *Pedra do sono*, de 1942, dados que acompanham a informação sobre o autor na primeira edição de *O engenheiro*.

disso, nos anos 1949 e 1950, ainda em Barcelona, Cabral travou uma assídua correspondência com Alberto de Serpa, com quem publicou o único número da revista *O cavalo de todas as cores*³. Numa das cartas, datada de 19/08/1950, pede ao amigo uma relação de confrades portugueses aos quais quer mandar *O cão sem plumas*: «gostaria que v. me mandasse nomes e endereços de alguns poetas e críticos portugueses capazes de se interessar pelo meu livro». A justificativa para o pedido é a desatualização da sua lista: «a lista que eu tenho me foi dada há muitos anos, no Recife, pelo Manuel Anselmo. Mas desconfio que alguns já morreram e que muitos são desinteressantes.». Essa informação é importante porque revela um desejo de Cabral de estabelecer uma interlocução com criadores e críticos portugueses, de ser lido em Portugal.

Cabral estava certo porque os contatos estabelecidos nos anos 50 tiveram desdobramentos, os quais, aliados a outros acontecimentos, confluíram para o *boom* da sua recepção crítica nos anos 60. Nesse período, um número expressivo de resenhas e artigos assinados por leitores abalizados, como Óscar Lopes (1963, 1966, 1968), Eduardo Prado Coelho (1963, 1967), João Gaspar Simões (1960, 1964a, 1964b), Arnaldo Saraiva (1966, 1967), entre outros, comprova o reconhecimento da crítica portuguesa à obra daquele que é um dos maiores e mais originais poetas brasileiros de todos os tempos.

Uma das razões a concorrer para esse *boom* é a publicação de obras de Cabral por editoras portuguesas, tornando sua poesia mais acessível. Em 1960, *Quaderna* é publicado pela Guimarães Editores, saindo só no ano seguinte por uma editora brasileira. Arnaldo Saraiva (2014: 95) diz que, conhecendo três ou quatro poemas de Cabral, tomou consciência do que a sua poesia representava com o livro de 1960: «só me dei conta de que se tratava de um poeta de exceção quando, em 1960, calou na Faculdade Letras de Lisboa, pude ler *Quaderna*, que acabara de sair em primeira edição na capital portuguesa». Em 1963, a publicação dos *Poemas escolhidos* pela Portugália, com seleção de Alexandre O'Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres, motiva um número considerável de resenhas e artigos, dos quais vale citar as palavras com que Óscar Lopes abre sua resenha sobre o livro de 1963, saída em *O comércio do Porto*, por serem exemplares do vivo entusiasmo causado pela poesia cabralina entre críticos portugueses:

Em doze anos de crítica literária regular, raras vezes me tenho entusiasmado deveras [...] raramente me entreguei a uma curiosidade ininterrupta, a pular por todos os cantos de uma obra recém-lida. E foi o que aconteceu agora ao completar a leitura de conjunto (embora em simples antologia) da obra do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. (LOPES, 1963: 6).

Soma-se a esse movimento editorial, a encenação, em 1966, pelo Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA, do poema *Morte e vida severina* (1956), nas cidades

³ As cartas, microfilmadas, encontram-se no espólio de Alberto de Serpa na Biblioteca Municipal do Porto, havendo fotocópias delas no acervo de Cabral na Fundação Casa de Rui Barbosa.

de Lisboa, Coimbra e Porto, o que repercutiu como um verdadeiro acontecimento, como se pode acompanhar, entre vários artigos publicados em periódicos diversos, pelos depoimentos e artigos reunidos nas revistas *Seara nova*, de Lisboa, e *Plano*, do Porto, nas quais, malgrado uma ou outra opinião divergente, é evidente o impacto positivo causado pela representação teatral. Se é verdade que esse impacto foi devido não somente ao texto encenado, mas à realização do espetáculo em si, com os atores, o cenário e, sobretudo, a música de Chico Buarque, não se pode deixar de considerar que o acontecimento teatral pôs em evidência, para a crítica portuguesa, o poema *Morte e vida severina*, de um modo particular, e a poesia de Cabral, de um modo geral. Arnaldo Saraiva, que assistiu à encenação do TUCA no Rio de Janeiro, em 1966, e sobre ela publicou uma resenha no *Jornal de letras e artes*, em que diz nunca haver se emocionado mais com um espetáculo do que com este, endossa essa hipótese:

o grande êxito de Morte e vida severina deve-se, ao fim e ao cabo, à invulgar beleza do teatro de Melo Neto: beleza que me havia escapado, em parte, na leitura íntima que dele fizera, e que o palco, eis um outro dos méritos da representação, fez evidenciar tão «espetacularmente». (SARAIVA, 1966: 15).

Uma terceira explicação para a recepção fortemente favorável à poesia de Cabral nos anos 1960 parece estar ligada ao fato de o poeta fornecer uma realização esteticamente válida para uma questão que estava a incomodar artistas e críticos portugueses, pelo menos a partir do Neorrealismo, ou seja, o compromisso social da literatura; questão que nem sempre encontrou soluções poéticas as mais felizes⁴. A atividade crítica e a literária em Portugal, no contexto do salazarismo, implicava, também, direta ou indiretamente, uma tomada de partido, um posicionar-se, um gesto de resistência crítica e estética. Ora, Cabral, ao realizar uma poesia que é, a partir de *O cão sem plumas*, simultaneamente, uma *mimesis* produtiva de uma dada realidade social e uma crítica da própria linguagem de representação, uma poesia que incorpora, na própria linguagem de menos, uma realidade subtraída, representava uma solução exemplar para a questão da literatura empenhada.

Provavelmente por isso Cabral conseguiu ser apreciado por leitores tão diversos, como o presencista João Gaspar Simões e o crítico do Neorrealismo Alexandre Pinheiro Torres. Aliás, na resenha aos *Poemas escolhidos*, Gaspar Simões aproveita para fazer restrições ao prefácio e ao prefaciador da antologia; este, segundo o resenhista, autor de uma «crítica alistada» (SIMÕES, 1964a: 15) e «o mais intransigente dos críticos de tipo 'realista'», que termina por estender a Cabral os atributos da tese dialética. Nota que, para sustentar essa tese, Torres, que se esquece da poesia de Cabral para traçar um quadro social do nordeste brasileiro, centra-se em obras posteriores a *O cão sem plumas*, enquanto ele, Gaspar Simões, julga que a poesia cabralina perde a partir de um livro como *O rio*. Para o

⁴ Devo a ideia dessa terceira explicação a uma conversa tida com a Prof.^a Rosa Maria Martelo.

crítico presenciista, Cabral é mestre dos poetas jovens em função do seu construtivismo e não da despoetização da realidade. Ambos os críticos, malgrado a importância que assumem na história da recepção da poesia de Cabral em Portugal, ao fazerem o fiel da balança pender exclusivamente ora para a dimensão mimética, ora para a formal dessa poesia, reduzem-na. Torres, no prefácio, partindo da concepção de que Cabral é essencialmente o poeta do Nordeste, mostra-se mais interessado no que sua poesia representa do que nos modos de representação. Prova disso é que destina um terço do trabalho para realizar uma descrição, na esteira de Josué de Castro e Alceu Amoroso Lima, das condições, sobretudo sociais, dessa região brasileira, do mesmo modo que não comenta um poema como *Uma faca só lâmina*, contemplado na seleta por O'Neill, quem sabe por esse poema não realizar uma *mimesis* explícita de uma dada realidade social, fugindo ao que é valorado pelo crítico na poesia cabralina. Mas talvez esse prefácio tivesse, como sustentou na ocasião Eduardo Prado Coelho, sua utilidade para o leitor português daquela época, uma vez que, conforme o crítico, à luz das informações geográficas, sociais e econômicas fornecidas por esse texto, «a poesia de Melo Neto ganha um sentido diferente. Não só um sentido, mas uma função diferente» (COELHO, 1963: 227). Gaspar Simões, por sua vez, não deixa de ceder a um exclusivismo construtivista ao desmerecer a dimensão representacional da poesia de Cabral ou ao crer que esta se faça em prejuízo daquela; exclusivismo que pode ser explicado como uma reação do crítico a uma criação e a uma crítica neorrealistas, em que a ênfase na dimensão política faz-se, não poucas vezes, em detrimento da dimensão estética.

A capacidade da poesia cabralina de atender às expectativas de leitores de orientações críticas diversas é vista com perspicácia por Eduardo Prado Coelho também numa resenha aos *Poemas escolhidos* publicada na *Seara nova* em 1963. Prado Coelho diz que o poeta brasileiro «defende, nos seus próprios versos, uma estética realista», a qual ressalta com nitidez que realismo não se confunde, como acontece, segundo o crítico, em demasia no Portugal de então, com uma poesia bem intencionada, de exaltada revolta social, mas implica o encontro de uma expressão estética adequada. Não se limitando ao plano das intenções, o realismo de Cabral é, segundo o autor citando Roland Barthes, ao mesmo tempo ideológico e semiológico, ou seja, um realismo que parte da própria linguagem. Prado Coelho diz que, desse modo, a obra do poeta constitui uma resposta à contradição há tempos enunciada por Mário Dionísio (*apud* COELHO, 1963: 227), segundo a qual o grande problema literário e artístico do realismo daqueles dias «refere-se precisamente à contradição inevitável que consiste em ser ele, de raiz, antiarte de vanguarda, e não ser possível no mundo de hoje [...] criar qualquer arte autêntica e portanto renovadora que não passe por uma atitude de vanguarda». Segundo Prado Coelho, Cabral, ao criar um realismo que é ao mesmo tempo ideológico e semiológico, supera essa contradição dialética, «criando uma poesia que agrada ao gosto clássico, à mentalidade realista e aos modernos concretistas brasileiros» (COELHO, 1963: 227).

Ao constituir uma resposta bastante satisfatória à contradição dialética experimen-

tada pela inteligência crítica e criativa em contexto de forte repressão, a poesia de Cabral encontra, com a publicação, em Portugal, de um livro como *Os poemas escolhidos* e com o sucesso teatral de *Morte e vida severina*, terreno crítico propício para sua legitimação.

Legitimado pela crítica, quando Cabral publica, no Brasil, *A educação pela pedra* no mesmo ano da encenação de *Morte e vida Severina* pelo TUCA, o livro, pela ordem de dificuldade que impõe, não alcança um público horizontal como o auto de Natal, mas é rapidamente lido por críticos portugueses. Arnaldo Saraiva publica, no mesmo ano do lançamento, uma resenha no *Correio da manhã*, no Rio de Janeiro, saída, em Portugal, no ano seguinte, no *Dário de notícias*, em que, notando o planeamento da obra, as dificuldades deliberadamente propostas pelo autor aos leitores, diz tratar-se de um livro «que custa os olhos da cara» (SARAIVA, 1967: 13). Eduardo Prado Coelho (1967) e Óscar Lopes (1968) também escreveram artigos esclarecedores, evidenciando linhas de força centrais nesse livro, como a reversibilidade entre poesia crítica e crítica do mundo.

Do *boom* dos anos 60 à atualidade, registra-se uma crítica regular e sistemática sobre Cabral em Portugal, destacando-se, além de resenhas e entrevistas motivadas sobretudo por lançamentos de livros, 5 teses acadêmicas⁵, 4 livros – 3 deles oriundos das teses –, e um número da *Colóquio / Letras* de 2000 em homenagem ao poeta. Mas esse constitui um outro capítulo da narrativa crítica sobre Cabral, em que a sua recepção em Portugal não é mais necessariamente sinônimo de leituras realizadas por críticos portugueses, pois os colaboradores brasileiros⁶ e de outros países são muito frequentes. Entre os portugueses, Arnaldo Saraiva publicou, em 2014, o *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*, livro que reúne entrevistas, resenhas, artigos, cartas, depoimento, enfim, textos publicados em diversos veículos desde os anos 60 e que andavam dispersos e também material inédito. Além do veterano Arnaldo Saraiva, nomes como Rosa Maria Martelo, Maria Andresen Tavares, Joana Matos Frias, Abel Barros Baptista, entre outros, destacam-se entre os leitores do poeta brasileiro que, em 1986, tem sua poesia até então completa publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e, em 1990, recebe o Prêmio Luís de Camões⁷.

⁵ Já em 1966, *Morte e vida severina* é contemplado em capítulo de dissertação (COUTO, 1966) defendida na Universidade de Coimbra. A partir dos anos 1980, outras dissertações / teses sobre o poeta são escritas em Portugal, sendo quase todas publicadas em livro: Martelo (1989 [defendida em 1988 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto / FLUP]), Afonso (1995 [defendida em 1993 na Universidade Católica Portuguesa- Faculdade de Filosofia, Braga]), Tavares (2001 [defendida em 1998 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / FLUL]) e Aertes (2005), que defendeu dissertação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / FLUL.

⁶ Já na década de 1960, professores de Universidades Brasileiras, como Temístocles Linhares (1966), que lecionou na Universidade de Coimbra (1965-1966) e Napoleão Lopes Filho (1964), publicam sobre Cabral em veículos portugueses, ainda que se trate de material de pouco interesse para a fortuna crítica do poeta.

⁷ Este trabalho foi apresentado em 02 de junho de 2015 na jornada *Literatura brasileira em Portugal: travessias*. Em novembro do mesmo ano, Viviana Bosi publicou, no n.º 15 da Revista *Abril*, um artigo muito bem realizado em que examina a recepção crítica recente de Cabral (Rosa Maria Martelo, Maria Andresen de Sousa Tavares, Abel Barros Baptista, Joana Matos Frias, Carlos Mendes de Sousa e Pedro Eiras). Creio que o meu artigo e o de Viviana Bosi são narrativas complementares, que, lidas em conjunto, fornecem uma visão mais completa da recepção de Cabral pela crítica portuguesa.

Gostaria ainda de considerar um tipo de crítica particular da poesia cabralina: aquela realizada por poetas portugueses por meio de poemas, seguindo um gênero de crítica bastante cultivado pelo próprio poeta brasileiro, isto é, o poema crítico.

Cabral deixou registrado em depoimentos diversos que seu projeto da juventude era ser crítico. Tornando-se poeta, entretanto, poderia ter desenvolvido uma obra crítica paralela à sua obra criativa, como acontece com muitos poetas do século XX, o que não se deu plenamente, pois o número de ensaios que escreveu, ainda que de importância considerável, compõe sozinho um magro volume. Entretanto, realizou uma extensa atividade crítica no interior de sua poesia aos ler pintores, poetas, ficcionistas, bailadora, jogadores de futebol, entre outros inventores. E o faz procurando depreender-lhes o *modus operandi*, o qual, ao fim e ao cabo, termina revelando aspectos da sua própria *poiesis*.

Seguindo, pois, uma prática cara a Cabral, Alexandre O'Neill escreve uma «Saudação a João Cabral de Melo Neto», datada de 11 de agosto de 1959 e publicada em *Abandono vigiado* (1960). Armando Silva Carvalho publica, em *Lírica consumível* (1965), uma saudação que é antes uma condenação ao modo poético de Cabral e que diz mais do retratista do que do retratado. *O Cristo cigano*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, é aberto com um poema dedicado a Cabral, que, por sua vez, teria contado à autora a história do Cristo cachorro, matriz do livro. Ainda Andresen, que também publica um artigo sobre o poeta na revista católica *Encontro*, em 1960, a ele dedica um agudo poema crítico em *Ilhas* (1989), sob o título «Dedicatória da segunda edição do *Cristo cigano* a João Cabral de Melo Neto». Outros portugueses também escreveram poemas sobre Cabral, entre os quais Jorge de Sena, Manuel Alegre e Amadeu Torres.

Entre os poemas críticos sobre Cabral, gostaria de me ater à saudação de Alexandre O'Neill por ser ela, salvo engano, a primeira leitura crítica portuguesa em verso do poeta brasileiro, tendo sido publicada no período do *boom* da recepção crítica do poeta e, sobretudo, por constituir, com o poema de Breyner Andresen, as críticas em verso mais perspicazes da poesia cabralina em Portugal. Segue o poema:

SAUDAÇÃO A JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*João Cabral de Melo Neto,
 Você não se pode imitar,
 mas incita a ver mais de perto,
 com mais atenção e vagar,
 o que está como que em aberto,
 ainda por vistoriar,
 o que vive entre pedra e terra
 e o que é entre muro e cal,
 o que tem «vocaçào de bagaço»*

e o que resiste no osso ou no «aço do osso», mais essencial.

*Tacteamos matéria pobre
com sua mão que nada encobre
e ouvimos assoviar
versos (sem pássaro) de cobre.
De prosaico há-de ser chamado
pelos do «estilo doutor»,
cabeleireiros da palavra,
pirotécnicos do estupor,
que dão tudo por uma ária
de alambicado tenor,
que encaixilham a dourado
morceaux choisis de orador,
mas de prosaico não foi chamado
o nosso Cesário Verde?
O lugar-comum se repete
aqui ou do outro lado...*

*Porém adoptemos prosaico
num sentido que ao bacharel
escapará, é matemático.
Prosaico mas não aquele
que em verso é incapaz de verso
por estar sempre a pôr em verso,
uma sorte de tradutor
para poesia
e às vezes até um guia
do político amador.
Exemplo: Pablo Neruda.
Prosaico, mas sem literatura,
sem o discursivo, sem a mistura
de panfleto, notícia, ladainha.*

*Prosaico: o não enfático,
o que não mente a si mesmo,
o que não escreve a esmo,
o que não quer ser simpático,
o que é a palo seco,
o que não toma por outro*

*mais fácil trajecto
quando está diante do pouco,
nem que seja um insecto.*

*Já se deixa ver que prosaico,
assim, mal definido,
não é uma atitude
que se arvore ou um laivo,
uma tinta de virtude:
é um modo de ser,
mesmo antes do verso,
mesmo fora do verso,
mesmo sem dizer.*

*Será neste sentido,
prosaico Melo Neto,
que no poema «O Rio»
cita Berceo: «Quiero
que compongamos io e tú una prosa»?
Será no mesmo sentido
de Pessoa-Alberto Caeiro
(outro prosaico, mas desiludido...)
«...escrevo a prosa dos meus versos
e fico contente»?*

*

*Quanto a mim, ainda o bonito
me põe nervoso, o meu canito
ainda tem plumas – e lindas! –
e o meu verso deita-se muito,
não sobre a terra, mas em samaúmas,
já com bastante falta de ar...*

*Ó Poeta,
não é motivo para não o saudar! (O'NEILL, 2012: 151-153).*

Essa saudação constitui um verdadeiro ensaio sobre Cabral, aberto pela declaração: «João Cabral de Melo Neto, / Você não se pode imitar, / mas incita a ver mais de perto».

É fato que Cabral exerceu alguma influência em Portugal e constitui uma incontornável e difícil referência para os poetas jovens do Brasil. Alexandre Pinheiro Torres (1984: 1051) diz ter sido o «auto de Natal Pernambucano» «uma das mais poderosas influências

na poesia portuguesa dos anos 60». Mas João Gaspar Simões, que em mais de um momento chama a atenção para essa influência, nota que o realismo de Cabral, ao transparecer na obra dos poetas jovens, converte-se numa espécie de mero exercício poético, em que, em lugar de antipoesia, tem-se apoesia (SIMÕES, 1964a: 16). No Brasil, temos um herdeiro de Cabral legitimado pelo próprio pai, Augusto de Campos. Também há bons e consequentes poetas de filiação cabralina. Apesar disso, não há um poeta que tenha levado às últimas consequências procedimentos característicos do autor, como a metáfora crítica, ou que consiga desenvolver-lhe uma tendência, como a planificação obsessiva, sem reduzir o que, em Cabral, realiza-se de modo tenso, contraditório.

Mas se Cabral não é um poeta que possa ser imitado, seja no Brasil ou em Portugal ou alhures, ele, entretanto, ainda conforme a declaração inicial, é o que instiga «a ver mais de perto», pois sua poesia, a partir de *O cão sem plumas*, propõe-se ver e dar a ver uma realidade. Essa realidade é particularizada nos versos seguintes da «Saudação» por meio de seus viventes, que são, simultaneamente, pauperizados, «com vocação de bagaço», e resistentes («o que resiste»).

Central na descrição e constituindo o argumento de leitura do poema-ensaio é o adjetivo «prosaico», que comparece na segunda estrofe e com o qual O'Neill profetiza que Cabral será chamado pelos de «estilo doutor», ou seja, pelos que, entendendo poesia como sinônimo de ornamentos retóricos, diante do verso sóbrio e severo do poeta, por meio do qual «tacteamos matéria pobre», só poderão ver nele prosa.

O prosaísmo de Cabral, fruto de uma incompreensão crítica, é associado ao de Cesário Verde, anteriormente mal compreendido pelos seus contemporâneos e assim visto por também ter representado a realidade quotidiana sem véus de retórica, numa linguagem corrente e comum. O'Neill convoca estrategicamente a incompreensão de que foi vítima Cesário, já tido no momento da escrita da saudação entre os maiores poetas portugueses, como uma espécie de argumento contrário irrefutável aos que atribuírem o qualificador prosaico a Cabral em sentido pejorativo.

Ao relacionar o poeta brasileiro ao autor de «O sentimento dum ocidental», O'Neill antecipa-o poeticamente na criação de um precursor na tradição portuguesa⁸. Cabral custou algum tempo para se reconhecer nessa tradição, considerada por ele muito subjetiva. Só a partir da década de 60, por meio de um dos poemas críticos da série «O sim contra o sim», de *Serial* (1961), e em várias entrevistas, reivindica publicamente sua filiação a Cesário Verde, para ele, o maior poeta português, aquele com quem mais se identifica, por causa da ausência de retórica oca, da visão voltada para a realidade exterior, da poesia obje-

⁸ Digo que O'Neill antecipa poeticamente Cabral ao filiá-lo a Cesário Verde, porque, já em carta a Alberto de Serpa, datada de 30/03/1950, o autor de *Serial* faz uma referência ao seu encanto por Cesário Verde ao contrapor a sua leitura de António Nobre à de Serpa: António Nobre «[é], sobretudo, o homem que teve a coragem de empregar prosaísmos, o homem que empregava palavras concretas em lugar de palavras abstratas. Para mim, me encanta tanto Cesário Verde e por isso nunca me foi possível gostar – perdoe – de João de Deus.»

tiva (MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998: 141; MELO NETO *apud* FREIXEIRO, 1971: 190; MELO NETO, 1996: 29).

Na terceira estrofe, aberta pela adversativa bastante prosaica «porém», O'Neill, malgrado o sentido pejorativo atribuído a «prosaico», vale-se do termo para descrever a poesia cabralina. Para isso, nessa estrofe e na seguinte, realiza uma assepsia, limpa o termo de sentidos pejorativos (não o «que em verso é incapaz do verso», ou seja, o que, escrevendo em verso, não faz poesia, não a poesia panfletária) e explica os significados assumidos por ele, entre os quais «matemático», «o não enfático», «o que é a *palo seco*», caracterizadores recorrentes do estilo cabralino.

Cabral também via no prosaico um valor em que se reconhecia e que o distava dos de 45. No ensaio consagrado a essa geração, na qual não vê um denominador comum, propõe que a delimitação de um território próprio para a poesia, «a valorização do sublime contra o prosaico, do sobre-real contra o real, do universal contra o nacional ou o regional, do inefável contra o tangível» (MELO NETO, 2008: 731) é uma conquista que os novos poetas retomaram dos de 30 e desenvolveram, a ponto de ela ser vista, não sem razão, por boa parte da crítica, como tendência caracterizadora da geração. Nas palavras de Melo Neto:

Para o poeta de 1945, os meios próprios da prosa, isto é, os elementos que permaneciam fora do uso poético, o prosaico, vinha a ser uma influência altamente perigosa. O prosaico está muito mais perto da realidade e o que esses poetas jovens viam, ao descobrir a literatura, é que à poesia se podia exigir tudo, menos, precisamente, integração na realidade. (MELO NETO, 2008: 731).

Mas reitera o poeta ao fim do ensaio a existência, entre os de 45, daqueles que preferem os meios próprios da prosa, entre os quais certamente se inclui, considerando, sobretudo, que o texto, publicado originalmente no *Diário carioca* em 1952, foi escrito após a crítica negativa à «poesia dita profunda» do livro de 1947 e depois de o poeta publicar *O cão sem plumas*, quando sua poesia se abre à representação crítica de uma dada realidade social e prosaica.

Voltando ao poema de O'Neill, o «prosaico», na acepção por ele proposta, em lugar de ser uma mera atitude literária, define-se, na quinta estrofe, como «um modo de ser» que antecede o próprio verso e, portanto, diz respeito ao próprio homem que escreve. Essa ideia do estilo como sendo o próprio homem não é alheia a Cabral. Nesse sentido, vale lembrar um depoimento, com sabor de anedota, em que ele, malgrado sua admiração pelos concretistas, diz nunca ter escrito um poema concreto, como o fez Manuel Bandeira, porque acha «que ninguém pinta cabelo literariamente» (MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998: 78). Sendo algo constitutivo do homem e da sua poesia, o estilo prosaico do autor se apresentaria, conforme anunciado no pórtico da «Saudação», como não passível de imitação.

Ainda que inimitável em seu prosaísmo, Cabral não constitui um caso isolado. Se, na segunda estrofe, foi associado ao seu precursor mais direto na tradição portuguesa, Cesário

Verde, na sexta estrofe, é relacionado a dois outros poetas também designados pelo mesmo epíteto. Primeiramente, a um poeta da literatura hispânica, tão largamente admirada por Cabral, que nela se reconhece e dela se apropria. Trata-se do clérigo medieval Gonzalo de Berceo, cujo verso citado por O'Neill serve de epígrafe ao poema *O rio*⁹ (1954), e que se valeu de uma linguagem mais acessível em suas hagiografias para se comunicar com o povo. Depois, a um poeta da tradição lusitana, o heterônimo pessoano Alberto Caeiro, que também reivindica Cesário Verde como um mestre. A associação com Caeiro soa, ao leitor de hoje, provocadora, pois se Cabral convoca Berceo como uma espécie de camarada ao «transcriar» seus versos como epígrafe de *O rio*, no caso de Fernando Pessoa, a relação faz-se pela negativa. Não obstante o brasileiro apresentar confluências com o modernista português (a centralidade do pensamento, a visualidade e o prosaísmo de Caeiro), a ele faz não poucas restrições e pretere-o a poetas que, apesar de bons, são indubitavelmente de menor relevância que ele¹⁰.

A «Saudação a João Cabral de Melo Neto», como anunciado no início, compõe um ensaio construído de modo bastante organizado sobre o estilo prosaico do poeta. Nesse poema-ensaio, O'Neill limpa o qualificador de um sentido inexato, explica o sentido apropriado para qualificar o poeta e estabelece uma tradição de poetas prosaicos, criando-lhe uma família. Ao proceder dessa forma, segue a prática característica de Cabral para ler outros inventores, ou seja, incorpora-lhe o *modus operandi* prosaico ao próprio poema crítico, de que é evidência a presença de um léxico característico da linguagem lógico-discursiva, como «porém», «exemplo», criando uma homologia entre o discurso crítico e o seu objeto.

Entretanto, a sétima estrofe, separada da anterior por um asterisco, como a assinalar um tópico novo no poema-ensaio, quebra essa homologia. Nela, O'Neill, que até então se apresenta por meio de uma voz crítica aparentemente impessoal, seguindo a subjetividade de viés tão característica de Cabral, marca seu lugar: «Quanto a mim». Mais do que isso, estabelece a marca da diferença entre o discurso poético descrito à maneira do seu autor e o dele, Alexandre O'Neill. Se o de Cabral é um estilo sem plumas, numa alusão ao livro de 1950, o dele «ainda tem plumas». Se o do poeta brasileiro é terrestre, prosaico, o dele deita-se nas alturas das samaúmas.

Não se pode deixar de notar que, apesar da diferença demarcada por O'Neill, sua poesia não prescinde do prosaico, tanto no nível da linguagem quando no da matéria poetizada, e ainda apresenta confluências outras com a de Cabral, como a consciência crítica

⁹ Liesbet Aerts (2005: 20-21) nota que essa epígrafe, retomada por O'Neill na «Saudação», «não é tanto um verso de Berceo – vem entre aspas e o nome do autor intertextualizado está entre parêntese –, mas a resposta do poeta nordestino a um verso do clérigo medieval que aparece no início de *Vida de Santo Domingo de Silos* (1236): «'Quiero fer una prosa en román paladino / en qual suele el pueblo fablar con su vecino'». Trata-se, pois, ao que parece, de uma «transcrição» cabralina.

¹⁰ No trabalho «Fernando Pessoa e João Cabral: leitores de Cesário Verde», apresentado, em 2015, no Congresso 100 Orpheu de Lisboa, e a sair nas atas do evento, apresento algumas possíveis razões para entender por que Cabral, mesmo tomando, a exemplo de Pessoa, Cesário como precursor e nele valorizando a mesma poesia objetiva cara a Pessoa, faz restrições ao modernista português.

sistematizada em metapoemas¹¹. O que nela não se assiste é ao desenvolvimento lógico-discursivo encenado na poesia cabralina. Nem ele perfila o antilirismo, a antipoesia, que é a digital de Cabral.

A diferença enunciada na sétima estrofe quebra também a identificação com o modo crítico preferido por Cabral para ler outros inventores, ou seja, pelo sim, selecionando sobretudo inventores em que se reconhece. Assim, lê-los é um modo de se ler. Lembre-se, nesse sentido, de um poema como «Graciliano Ramos:», em que tudo o que é dito para caracterizar o autor de *Vidas secas* pode ser aplicado ao próprio poeta crítico, de modo que o retrato do outro, no poeta que sempre evitou falar de si, é um falar-se, um autorretrato. Em lugar disso, O'Neill realiza a leitura do outro, do diverso, cuja imagem, em lugar de espelho de si, é antes uma contraimagem, o que não deixa de ser um modo, ainda que pela oposição, de se retratar.

A despeito de reconhecer que o estilo de Cabral não é o seu, que nele não se reconhece, adverte, entretanto, no dístico final: «Ó poeta, / não é motivo para não o saudar!»

É digno de destaque o gesto de O'Neill, pois os poetas, de um modo geral, não costumam ser capazes de compreensão crítica em relação àqueles com quem não se identificam poeticamente. Inclua-se aí o próprio Cabral, que, não obstante diga estar O'Neill entre os poetas portugueses da sua idade que mais o interessam (MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998: 141), sobre ele não escreveu um poema-ensaio, como o faz para criadores verdadeiramente de sua predileção, como Miró, Mondrian, Marianne Moore, Ponge, Cesário Verde, Sophia de Melo Breyner Andresen, Graciliano Ramos, Camilo Castelo Branco, entre tantos outros. É verdade que a O'Neill dedicou o poema «Catar feijão», uma de suas peças mais antológicas, mas não se pode ler uma relação direta entre aquele a quem o poema é dedicado e o modo de escrita cabralino descrito e valorado nesse poema, ou seja, o da escrita deliberadamente difícil, incômoda, construída propositalmente para obstar a leitura flutuante, fluvial.

Eliot, que valorizou essa crítica praticada por poetas, chamando-a «oficial», soube reconhecer-lhe o limite: «Aquilo que não se relaciona com o trabalho do próprio poeta, ou o que lhe é antipático, fica fora da sua competência. Outra limitação da crítica oficial é a de que o juízo do crítico poderá não ser bem formado fora da sua própria arte» (ELIOT, 1962: 55).

Sem se restringir a esses limites da crítica praticada por poetas e acima das diferenças poéticas, soube O'Neill ver, admirar e descrever poeticamente o estilo de Cabral. Além disso, foi um dos maiores responsáveis pela divulgação de sua obra, ao selecionar, outro gesto crítico, e publicar os seus *Poemas escolhidos*, antologia que teve papel chave na recepção do poeta brasileiro em Portugal.

¹¹ Vale notar que Alexandre O'Neill, que associa o prosaísmo de Cabral ao de Cesário, também é lido por Óscar Lopes (1993) em clave comparativa com o autor de «O sentimento dum ocidental». Assim, O'Neill e Cabral irmanam-se quanto ao precursor poético.

Referências

- AERTS, Liesbet (2005) – *Paisagens com figuras espanholas na poesia de João Cabral de Melo Neto*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.
- AFONSO, Antonio José Ferreira (1993) – *João Cabral: uma teoria da luz*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- ALEGRE, Manuel (1999) – *João Cabral de Melo Neto [Sonetos do obscuro quê – 1993]*. In *Poesia*. Lisboa: Dom Quixote, v. II, p. 552.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1960) – *A poesia de João Cabral de Melo Neto*. «Encontro». 28 (abril), p. 12.
- ____ (2011) – *Dedicatória da segunda edição do «Cristo cigano» a João Cabral de Melo Neto [Ilhas, 1989]*. In *Obra poética*. 2.ª ed. Lisboa: Caminho, p. 757-758.
- ____ (1961) – *O Cristo cigano ou a lenda do Cristo cachorro*. Ilustrações de Júlio Pomar. Lisboa: Minotauro.
- ATHAYDE, Félix, org. (1998) – *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes.
- BOSI, Viviana (2015) – *Cabral aporta em Portugal: poesia brasileira lida pela crítica portuguesa atual*. «Abril». Niterói. 7, 15 (nov.), p. 143-160. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/>>.
- CARVALHO, Armando Silva (2007) – *Saudação a Melo Neto [Lírica consumível, 1965]*. In *O que foi passado a limpo; obra poética (1965-2005)*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 51-52.
- COELHO, Eduardo Prado (1963) – *João Cabral de Melo Neto, «Poemas escolhidos»*. «Seara nova». Lisboa. 227 (dez.), p. 227.
- ____ (1967) – *«A educação pela pedra», poemas de João Cabral de Melo Neto*. «Diário de Lisboa». (20 abr.), p. 2 e p. 8.
- COUTO, Abel Fernando Morais Pereira (1966) – *«Morte e vida severina», poema dramático de João Cabral de Melo Neto*. In *As diversas correntes do teatro moderno brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: FLUC, cap. II, p. 76-88.
- ELIOT, T. S. (1962) – *Ensaio de doutrina crítica*. Traduzidos com a colaboração de Fernando de Mello Moser. Lisboa: Guimarães.
- FREIXEIRO, Fábio (1971) – *João Cabral de Melo Neto – roteiro de auto-interpretação*. In *Da razão à emoção II; ensaios rosianos e outros ensaios e documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 179-192.
- LINHARES, Temístocles (1966) – *Teatro universitário*. «Vértice; revista de cultura e arte». Coimbra. (set.), p. 645-647.
- LOPES, Óscar (1963) – *João Cabral de Melo Neto, poesia escolhidas*. «Comércio do Porto». (10 dez.), p. 6.
- ____ (1964) – *«Morte e vida severina», o espetáculo do TUCA*. «Plano; cadernos antológicos de cinema e teatro». Porto. 4 (out.) p. 64-65.
- ____ (1968) – *João Cabral de Melo Neto, educação pela pedra*. «Comércio do Porto». (23 jan.) p. 13.
- ____ (1993) – *Cesário e O'Neill*. In BUESCU, Helena Carvalhão, org. – *Cesário Verde: comemorações do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – ACARTE, p. 103-116.
- LOPES FILHO, Napoleão (1964) – *Interpretação silenciosa de dois poemas de João Cabral de Melo Neto*. «Ocidente». [S.l.]. LXVI, p. 59-71.
- MARTELO, Rosa Maria (1989) – *Estrutura e transposição: invenção poética e reflexão metapoética na obra de João Cabral de Melo Neto*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- MELO NETO, João Cabral (1960) – *Quaderna*. Lisboa: Guimarães Editores.
- ____ (1963) – *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O'Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Portugália.
- ____ (1986) – *Poesia completa*. Prefácio de Óscar Lopes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1996) – *Entrevista*. «Cadernos de literatura brasileira: João Cabral de Melo Neto». São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 18-31.
- ____ (2008) – *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- MERQUIOR, José Guilherme (1972) – *«Nuvem civil sonhada» – ensaio sobre a poética de João Cabral de Melo Neto*. In *Astúcia da mimese (ensaio sobre lírica)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, p. 69-172.
- NEMÉSIO, Vitorino (1949) – *Poesia «engenhosa»*. «Diário popular». Lisboa. (15 jun.), p. 5.
- O'NEILL, Alexandre (2012) – *Saudação a João Cabral de Melo Neto [Abandono vigiado, 1960]*. In *Poesias completas*. Assírio & Alvim, p. 151-153.

- PLANO (1966) – *O TUCA no Porto*. «Plano: cadernos antológicos de cinema e teatro. Porto». 4 (out.), p. 58-67.
- SARAIVA, Arnaldo (1966) – *Um grande acontecimento teatral*. «Morte e vida severina» de João Cabral de Melo Neto. «Jornal de letras e artes», Lisboa. (5 jan.).
- ____ (1967) – *O último livro de João Cabral de Melo Neto*. «Artes e letras». Lisboa: (19 jan.).
- ____ (2014) – *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM / Edições Afrontamento.
- SEARA NOVA (1966) – *Morte e vida severina*. «Seara nova». Lisboa. (jul.), p. 213-215.
- SENA, Jorge de (2015) – *Poema sobre o começo do poema de J. C. de M. N. chamado poema [«Invenções ‘ao gout du jour’», 1970-1971]*. In *Poesia 2*. Lisboa: Guimarães, p. 593.
- SIMÕES, João Gaspar (1950) – *A poesia, essa estranha invenção*. «Letras e artes: suplemento de “Amanhã”». Rio de Janeiro. Ano 4, 185 (19 nov.), p. 1 e 10.
- ____ (1960) – «*Quaderna*» e «*Duas águas*»; *poemas reunidos, por João Cabral de Melo Neto*. «Diário de notícias». Lisboa. (9 jun.), p. 15 e p. 19.
- ____ (1964a) – «*Poemas escolhidos*», *por João Cabral de Melo Neto*. «Diário de notícias». Lisboa. (1 jan.), p. 15-16.
- ____ (1964b) – *A xácara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto e de Mário Saa*. In *Literatura, literatura, literatura... De Sá de Miranda ao concreto brasileiro*. Lisboa: Portugália, p. 341-345.
- TAVARES, Maria Andresen de Sousa (2001) – *Poesia e pensamento: Wallace Stevens, Francis Ponge*. Lisboa: Caminho.
- TORRES, Alexandre Pinheiro (1963) – *A poesia de João Cabral de Melo Neto (apenas algumas indicações ao leitor comum)*. In *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O’Neill. Lisboa: Portugália, p. IX-XXXV.
- ____ (1984) – *João Cabral de Melo Neto*. In *Antologia da poesia brasileira (de Padre Anchieta a João Cabral de Melo Neto): os modernistas*. Porto: Lello & irmãos, vol. III, p. 1051-1165. [Trata-se de uma versão, como acréscimos e supressões, do prefácio à edição dos Poemas escolhidos].
- TORRES, Amadeu (2004) – *Acro-ontobibliografia em memória de João Cabral de Melo Neto (1920-1999)*. Braga: Edições Humanitas.